

Quero, em primeiro lugar saudar o autor, Henrique Raposo, bem como duas pessoas que muito admiro: o escritor Rentes de Carvalho e o crítico e professor António Araújo, que aqui estão nesta apresentação e agradecer-lhes o convite para falar neste livro. Aproveito, ainda, para saudar Alexandre Soares dos Santos, sem o qual esta Fundação não seria feita, assim como todos as senhoras e senhores presentes na sala.

Entre mim e o Henrique Raposo há em comum o nome próprio e a formação em História. De resto, tudo nos separa, começando pela idade, a minha dá para ser pai dele; o nascimento, ele nos subúrbios e eu nas avenidas novas; a origem – as dele no Alentejo, as minhas na Beira Alta. O Henrique diz que, neste livro faz um corte umbilical com o Alentejo. Eu já lhe respondi que não acreditava, apesar de quando li o projeto de livro achar, e ter-lhe dito, que ele se expunha de mais. Não por atacar o Alentejo, mas por falar da sua família, dos primos a gritar mentiroso nos casamentos...

Cortar o cordão umbilical... Ele pode cortá-lo e já não depender dele para viver, respirar e comer. Mas há de olhar para o local onde estava a outra ponta do cordão e, mais tarde ou mais cedo, ver o carinho que mutuamente se dispensam.

Na eterna guerra Norte/Sul, várias vezes ele elogia o Norte como oposto do que ele vê de errado no Sul. Não o querendo contrariar, digo-lhe que lhe falta ver o Norte com os olhos que viu o Sul. A sacholada na cabeça por um fio de água – certo que não é o suicídio, mas o homicídio – ou, por contraposição ao pinhal de Grândola, que era paraíso de malfeitores, temos a serra da Falperra ao Norte, o pinhal da Azambuja, ao centro e outros topónimos que ficaram como sinónimos de ladroagem.

O erro, meus caros, é quem na cidade olha a aldeia, o campo, como um jardim de virtudes. Deixem-me dizer-vos uma coisa que me vai na alma: pureza? O caraças! A aldeia, antes de lhe chegada a civilização, era tão má ou pior do que qualquer cidade ou subúrbio. Era a lei da selva, a do mais forte, a desumanidade.

Queres saber como se cabia na casa da tua avó? Pois era como se cabia em qualquer casebre do Norte. Dois quartitos, as paredes negras do fumo da lenha, os animais e o seu cheiro característico, por baixo, na loja, a aquecer o lar. Miséria, meu caro Henrique, havia em barda, mais do que muita. E onde há miséria material é mais fácil encontrar miséria moral, embora ela abunde e seja transversal a todas as situações económicas. Já a falta de cultura, da mesma forma que desculpa o teu avô pelas tareias que deu aos filhos, é escusa para aquela brutalidade com que eu vi a Maria Pestana, lá da aldeia dos meus bisavós, a chegar à filha com um molho de giestas. Que fizera ela? Nada, tinha brincado comigo e com a minha irmã Teresa na juventude dos seus sete ou oito anos, em vez de trabalhar. E a mãe dizia-lhe: e agora vai que estou cansada, mas daqui a nada vem cá que ainda tens de apanhar mais.

- Ó tia Maria, não faça isso! Gritava-lhe a minha avó.

- Ó fidalga, de pequenino se torce o pepino. Se não aprende agora torna-se uma galdéria.

Muita gente, caro Henrique, ou não viu ou finge que não viu. Porque no povo só há virtudes, todas as maldades são trazidas pela malvada civilização. Olham o passado com os olhos de hoje, como se chegar a roupa ao pelo, ou comer comida de urso, não fosse uma banalidade, assim como os professores baterem nos maus alunos.

O teu livro – e pediste-me para não falar da polémica, o que tenho evitado – é um espelho do que era o país, com as especificidades do que era o Alentejo e parte da Serra Algarvia, em terras cujo nome jamais soube: Foros da Pouca Sorte – raio de nome, está lá tudo. A geração das tuas filhas está separada da dos teus avós por séculos. É verdade. Não direi isso das minhas netas, somos todos *nouveaux pauvres*, mas conheço muita gente assim. A migração, como dizes, foi um fator de modernidade, de liberdade, a etnografia da aldeia limpa, da aldeia portuguesa, construção salazarista que se mantém nas cabeças fechadas de tanta gente, ainda anda por aí.

Tu que citas o canto com letras bonitas como

*"Eu sou devedor da terra*

*A terra me está devendo*

*A terra paga-me em vida*

*Eu pago à terra em morrendo*

Deixa-me recitar este poema salazarista sobre as aldeias

*Na minha aldeia*

*Não há ódios mas estimas*

*Quer-se bem à vida alheia*

*São todos primos e primas*

*Sem ambições*

*Cada qual seu pão granjeia*

*E à noite há serões*

*À luz da candeia*

Esta canção do salazarismo não podia ser mais mentirosa. As pessoas ambicionavam vidas melhores. Fosse no Seixal, no Pragal, no Barreiro ou em Almada; fosse em Loures, Sacavém, Bucelas ou na Ponte de Frielas; fosse no Brasil, em França, no Luxemburgo. E foram aos magotes e voltaram com ideias diferentes. As elites gozaram-nas, mas jamais tiveram aquela coragem de partir. Ficaram na mesma, a viver à custa do Estado, a quem se encostaram, chupando os impostos de quem trabalha.

E tens razão neste teu livro quando falas do significado que as palavras têm e na impossibilidade de se exprimir quando faltam as palavras. Que palavra há para violação se o manageiro dispõe da ceifeira ou se o patrão dispõe da empregada sem que isso seja considerado algo repreensível?

Que palavra existe para tanta coisa que nas nossas aldeias – Norte e Sul – eram comuns. Que coisa falsa a solidariedade! É certo que ela existia e existe, mas mais comum é a inveja.

Talvez, como dizes, quanto te pões a contar a origem das barragens, o Alentejo só tenha sido colonizado mais tarde. Talvez. Mas olha que o Aquilino, quando no princípio do séc. XX fugiu para a Serra da Nave, dizia que nenhuma autoridade lá tinha posto os pés. Tenho tios remotos assassinados por uma bala, depois de nas costas lhe perguntarem viva quem? E eles sem saberem se convinha o viva por D. Pedro se por D. Miguel.

Este teu livro, pessoal, de observações próprias e memórias intransmissíveis, não pretende erigir-se em tese e, no entanto, muito do que ali está é compreendido – mas talvez não expresso preto no branco – por quase toda a gente. Por exemplo: as pessoas, nomeadamente, os homens, no Alentejo quando à conversa, não se tocam. “Estar ao pé de um homem do Norte é estar sempre a levar com braços cotovelos, encontrões, abraços, pontapés”. Descontando o exagero, isto é verdade. Mas no Alentejo todos são desconfiados. Podemos perguntar todos? Claro que todos é também uma força de expressão, mas a desconfiança no Alentejo e na Serra Algarvia é, de veras uma marca.

Mas o livro, por muito que o queiram queimar, é um hino de amor pela região, na medida em que apenas podemos reconhecer os defeitos profundos daqueles que são os nossos. Só eu conheço a fundo os defeitos dos meus avós, dos meus pais, das minhas filhas (não da minha mulher que, por estar presente, nem defeitos tem). Eu, em ouvindo dizer que na Beira são todos uns isto ou aquilo, também salto. Não há virtudes nem vícios coletivos. Há culturas que são moldadas por anos e séculos de vivências. Se tu falas na falta de Deus no Alentejo, poderás falar do excesso de Deus em certas áreas do Norte. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

Não é crime dizer-se que no Alentejo existe a maior taxa de suicídio do país (coisa que irritou os indignados); isso toda a gente sabe. Mas já para mim é misterioso pouco se falar de malária onde ela só foi erradicada nos anos 50 e, até lá, provocou as ‘sezões’, como se dizia, num rol de doentes. Concordo quando candidamente escreves estas linhas sobre o teu próprio avô que batia nos filhos por dá cá aquela palha: “Não encaro essa violência como um ato consciente de um homem dotado de livre arbítrio, vejo apenas o desespero de um ser humano reduzido à condição animal, esfomeado e derreado pela fadiga”. Ou quando falas do “orgulho analfabeto” dos homens e das violações das mulheres como se tal fosse consequência do destino. Isto, bem entendido, nos anos 50 e mais recuados. Mas eu digo-te que não foi só no Alentejo.

Há um objeto chamado espelho: por vezes olhamos e não gostamos do que vemos. Do Alentejo iliberal que deu as guerrilhas contra a modernidade; de uma terra sem lei que o realizador João Canijo retratou para a TV; de uma miséria extrema. De um país em que as aldeias longe da

virtude que se lhes atribui e que se pensa ser milenar, como os pinheiros que o salazarismo plantou nos baldios, que nem 100 anos têm e os simples pensam que sempre ali estiveram, eram tribos que combatiam outras tribos – leiam Camilo ou Aquilino e vejam como grassava ódio e se esbarrondava violência.

Há quem prefira que esta sujidade se mantenha debaixo do tapete do tempo.

A meu ver, Henrique Raposo fizeste bem em desvendá-la. Se com exagero a mais ou a menos, não posso dizê-lo.

Nunca fui alentejano nem vou a tempo de o ser. Mas pelo que sei de outras latitudes, a verdade não anda longe disto.

Muito obrigado